

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO *ELOGIO A MAQUIAVEL*, DE GIOVANNI BATTISTA BALDELLI

Flávia Benevenuto¹

Giovanni Battista Baldelli Boni (1672-1750) nasceu em Corona, mas ainda cedo foi à escola em Florença, e mais tarde, ao *Sacro e Militare Ordine di Santo Stefano*. A partir desta formação, dividiu seu tempo entre o *otium litterarum* e os afazeres da guerra e, talvez por isso, tenha se interessado tão cedo por Maquiavel. De acordo com Nicola Carranza,

o interesse por Maquiavel, teria se manifestado na Toscana, pela edição patrocinada pelo Grão-Duque, e quando foi descoberto o túmulo do secretário da República Florentina, por Rimbotti, na Igreja de Santa Croce em Florença, o que levou a Academia de Florença a celebrar dignamente o autor do *Príncipe*².

Nesta ocasião, com apenas vinte e oito anos, Baldelli se pôs a escrever um *Elogio a Maquiavel* (1782). Ao fazê-lo, assume o tom laudatório que se faz intenso ao longo de todo o texto. Apesar de se propor a redigir uma longa análise das obras de Maquiavel, sustenta o gênero epidítico e não se desvia desse propósito, o que faz com que o estilo seja quase o tempo todo elevado. Mesmo quando apresenta os temas tratados por Maquiavel – escritos originalmente em tom mais baixo – Baldelli evita recorrer ao estilo médio. As especificidades de seu estilo são empregadas com maestria. Sua forma de escrita certamente contribui para abrilhantar seu elogio e fazer jus ao legado maquiaveliano.

Ainda hoje é difícil explicar exatamente as causas específicas da sobeja má fama de Maquiavel. Os julgamentos que lhe foram atribuídos nunca foram unânimes, permanecendo negativos em muitos momentos. Baldelli nos ajuda a compreender a intensidade dos mesmos, assim como a gravidade do assunto. Ao escrever o elogio a Maquiavel, recupera-se um

¹ Professora adjunta do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: flavia.benevenuto@ichca.ufal.br

² CARRANZA, Nicola. BALDELLI BONI, Giovanni Battista. In: *Dizionario Biografico degli Italiani* – volume 5 (1963). [http://www.treccani.it/enciclopedia/baldelli-boni-giovanni-battista_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/baldelli-boni-giovanni-battista_(Dizionario-Biografico)/)

discurso recorrente que procura evidenciar a ingratidão de Florença ao seu ilustre cidadão. Aproximando Maquiavel aos feitos de Alighieri, Petrarca e Bocaccio, assim como dos contemporâneos responsáveis pelas expedições e gloriosas conquistas datadas do mesmo século de Maquiavel. Mas, é ao comparar Maquiavel àqueles que se propuseram a escrever uma *História da República Florentina*, que o autor começa a apurar seu elogio, chamando Maquiavel de “filósofo da história”. Para ele, apesar da recorrente retomada dos antigos por parte de seus contemporâneos, Maquiavel cumpre o que havia prometido ao iniciar seus *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, fazendo da História parte constitutiva de seu método investigativo. Consequentemente, fez dos preceitos teóricos apontados pelos antigos muito mais que adornos discursivos, eles configuram os conceitos a que se podia recorrer em seu tempo, podendo ser tomados como fundamentos sólidos do debate político de seu tempo.

Baldelli aponta justamente a República como primeiro objeto de investigação de Maquiavel. Para ele foi a ineficácia das leis e as discórdias dos tempos do secretário florentino que o conduziram a buscar os exemplos dos grandes feitos dos antigos. E, dentre esses grandes feitos, o engrandecimento de Roma destacava-se como o mais oportuno ao tempo que se fazia presente. Não exatamente pela ajuda que recebeu da *fortuna*, como se poderia pensar. Ela certamente teve um papel fundamental, porém, aos olhos do autor de Corona, foi o olhar filosófico agudo de Maquiavel quem o fez perceber a relação da disciplina militar com as boas leis e, consequentemente, com a boa educação. Houve mais que boa *fortuna* no processo de engrandecimento de Roma, processo este que culminou com o mundo todo submetido às leis romanas. Ao investigá-lo, de acordo com Baldelli, Maquiavel pode examinar os princípios dos bons governos, assim como o que os fazia corromper. Percebendo, assim, a fragilidade das formas simples de governo e a necessidade de que a República assumisse então uma forma mista. Ao fazê-lo, firmou-se como o primeiro entre os modernos a pressupor o governo misto como a única forma de tornar as paixões humanas compatíveis à liberdade política. Ao percorrer a estrutura argumentativa maquiaveliana o autor procura evidenciar as contribuições de Maquiavel para seu tempo, assim como a magnitude de seu legado. Da análise das leis e estruturas republicanas às instituições guerreiras, assim como do luxo romano à corrupção do corpo político, o autor do elogio evidencia a perspicácia da construção conceitual de Maquiavel, assim como a agudeza de sua investigação.

Da glória romana à corrupção própria dos tempos de Maquiavel estava criada a contraposição a que se ateve o autor que preferiu enfrentar os problemas de seu tempo a fabricar sistemas políticos fantásticos. Para o autor, este conhecedor da natureza humana tratou de contemplar o homem como ele é, e esse teria sido um grande legado. Assim, se, por um lado, Maquiavel admirou as ações dos conquistadores do mundo, pautou-se, por outro, nos textos de mestres não menos significativos, como: Xenofonte, Políbio e Vegezio. A partir deste conjunto se inspirou para pensar a arte militar, propondo milícias civis e cidadãos

voluntários. Ensinou aos seus concidadãos que era possível adaptar estratégias antigas aos tempos modernos e que a antiga *virtù* guerreira nunca havia deixado de ser uma boa alternativa.

As *Histórias Florentinas* são fruto dos benefícios deixados por Maquiavel, que, para o autor do elogio, expõem os esforços do filho de uma cidade livre, mas que passara a oscilar entre a liberdade e a servidão. Um corpo político aflito, saqueado por estrangeiros, reduzido à ditadura dos Medici. Antes, já havia ele próprio, no intuito de conservar a ciência republicana, tentado instruir os Medici e, para tal, escreveu *O príncipe*. Nessa obra procurou expor o papel do príncipe novo, descrevendo seu papel como realmente era e não como deveria ser. Para o autor, Maquiavel ofereceu a Florença o equivalente ao que Cícero havia legado a Roma. Esta República, no entanto, não soube recompensá-lo devidamente, e apesar das dificuldades que enfrentou nas longas viagens que, como lembra Baldelli, realizou mais por amor à pátria do que por interesse, manteve seus afazeres com ardor, oferecendo em momentos críticos os conselhos mais salutares. Para ele, esses foram exemplarmente demonstrados nos *Discursos sobre as Décadas de Tito Lívio*, pelo qual Maquiavel tornara-se imortal pelo seu engenho.

Reconhecido pelas obras menos severas, foi a *Mandrágora* quem primeiro lhe atribuiu a fama. Ao atacar engenhosamente a corrupção dos costumes de seu tempo Maquiavel pôde, segundo o autor, convencer até os mais incrédulos da inteligência da língua latina. Com a mesma maestria reivindicou o uso da língua florentina. Mas, ainda assim, acabou morrendo da amarga ingratidão de sua pátria. A morte, no entanto, não fora suficiente para findar as injustiças. A censura espoliou sua única defesa e não faltaram detratores. Porém, segundo Baldelli, a generosidade também se fez presente e possibilitou sua apologia, ainda que dois séculos e meio após a morte de Maquiavel. E, talvez, resta-nos dizer, ainda hoje, tão significativa aos mesmos propósitos.